



Jornalismo e Opinião: Uma Análise de Conteúdo do Formato Comentário no Jornalismo Televisivo¹

Vinícios SPARREMBERGER²
Janine Marques Passini LUCHT³
Roberta SARTORI⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo analisa os comentários dos jornalistas Arnaldo Jabor (Rede Globo) e Rachel Sheherazade (SBT) emitidos no dia 12 de junho de 2013 a respeito das manifestações que ocorreram no Brasil no mesmo período. A análise foi realizada a partir de alguns trechos retirados das falas desses jornalistas e busca identificar os conteúdos explícitos e implícitos utilizados e de que forma eles aparecem em suas opiniões, para isso, foram considerados os conteúdos de posto, pressuposto e subentendido.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros jornalísticos; comentário; TV; implícitos.

INTRODUÇÃO

O uso da opinião no campo jornalístico, especialmente em textos que, em tese, deveriam apenas relatar eventos, é, ainda, um dos assuntos mais questionados entre os profissionais da área e, inclusive, pela comunidade em geral. Afinal, o jornalismo consegue ou não ser isento de opinião? A discussão que envolve esse debate gera controvérsia e alimenta uma das mais antigas questões da profissão.

A imparcialidade, teoricamente, garante a isenção da notícia. É através de uma postura séria perante os fatos, com a apresentação dos dois lados que envolvem o acontecimento, que a profissão tem sua base consolidada. O relato do que acontece na sociedade traz consigo responsabilidades e pode interferir, dependendo de como é abordado, diretamente no cotidiano das pessoas. Emitir uma informação errada ou uma opinião precipitada pode acarretar sérias consequências aos envolvidos. E, por isso, o uso da opinião no jornalismo é tão discutido.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: sparremberger@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Diretora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: janine@espm.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: rsartori@espm.br



A classificação do texto jornalístico é feita através das suas diferentes abordagens. No Brasil, o modelo utilizado foi proposto pelo teórico e jornalista José Marques de Melo (2011), que identificou cinco grandes gêneros – informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Portanto, apesar de esse debate gerar polêmica, a opinião, uma das mais antigas formas de abordagem utilizadas no texto jornalístico, é oficialmente reconhecida no jornalismo.

Existem diversos profissionais que ocupam o seu espaço nos meios de comunicação para expor o que pensam. São inúmeros os jornalistas que se destacam por suas opiniões apimentadas e envoltas em indignação, as quais são veiculadas tanto em mídia impressa quanto na TV. E, em virtude disso, são alvos constantes de críticas, sobretudo, nas redes sociais. Os jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade, das emissoras de comunicação Rede Globo e SBT, respectivamente, são profissionais polêmicos que se enquadram no que se denomina gênero jornalístico opinativo e serão o objeto de estudo deste trabalho.

As opiniões podem aparecer tanto de forma explícita quanto implícita. Em casos de formatos do gênero opinativo, de modo geral, encontram-se na superfície do texto. Contudo, certas ideias não são tradicionalmente expostas de maneira explícita. Por exemplo, posicionamentos mais radicais utilizam-se de recursos para tornar que tais conteúdos possam ser veiculados implicitamente, ou seja, o leitor os entende não a partir da decodificação, mas de interpretação.

Segundo Ducrot (1987), o conteúdo total de um texto não se manifesta apenas naquilo que está codificado. Para ele, existem conteúdos implícitos que igualmente carregam significados, os quais também colaboram para o sentido do texto como um todo.

Assim, o objetivo deste trabalho é identificar, nas falas desses profissionais, emitidas durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil, dentro do formato comentário, onde a expressão opinativa aparece, considerando os conteúdos explícitos e implícitos. Para tanto, o trabalho será dividido nas seguintes etapas. Primeiramente, será apresentada a teoria dos pressupostos e subentendidos, a fim de compreender forma e estrutura desses conteúdos. A segunda etapa trata do gênero jornalístico e do formato comentário na mídia televisiva. E a apresentação dos jornalistas selecionados e a análise das suas opiniões configura a terceira etapa deste trabalho.



2 TEXTUALIDADE: Posto, Pressuposto e Subentendido

Para a análise dos comentários dos jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade sobre as manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013, é necessária, primeiramente, a compreensão acerca de alguns dos importantes recursos linguísticos que formam um texto.

A escrita é um processo que, dentro dos preceitos da linguística, caracteriza-se, não apenas pela abordagem explícita, mas também pela utilização de conteúdos implícitos (DUCROT, 1987). As informações expressas em um texto, portanto, não se dão apenas no que está dito (posto), mas principalmente no que não está dito (implícito). Platão e Fiorin (2010), com base nos estudo de Oswald Ducrot (1987), destacam essas duas formas de expressão, segundo eles:

Em todos os textos, certas informações são transmitidas explicitamente, enquanto outras o são implicitamente, estão **pressupostas** ou **subentendidas**. Um texto diz coisas que parece não estar dizendo, porque não as diz explicitamente. Uma leitura eficiente precisa captar tanto as informações explícitas quanto as implícitas (PLATÃO; FIORIN, 2010, p. 306, grifo nosso).

Dessa forma, para uma leitura ser eficiente, é fundamental o leitor estar atendo a todas as expressões que possam informar além do conteúdo básico posto no texto. Segundo Ducrot (1977, p.13 apud ALMEIDA, 2009, p.3) “muitas vezes temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas, e de poder fazer como se não tivéssemos ditos: de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito”.

Para isso, existem duas maneiras de deixar uma mensagem implícita, através do conteúdo pressuposto ou subentendido. Segundo Ducrot (1987), o que diferencia pressuposto de subentendido é o modo como a informação é transmitida para o leitor, se estará marcada linguisticamente no texto ou não.

O pressuposto é, essencialmente, aquilo que se supõe antecipadamente, são ideias não explícitas, mas que são atribuídas por palavras contidas na frase, ou seja, estão marcadas linguisticamente. O mesmo, no entanto, não se dá o conteúdo subentendido. De um modo geral, este se caracteriza por transmitir uma ideia, sem, contudo, expressá-la formalmente, deixando para o leitor a responsabilidade de interpretação. Platão e Fiorin (2010) destacam as diferenças entre os conteúdos, segundo eles:



Há uma diferença capital entre pressupostos e subentendidos. O primeiro [pressuposto] é uma informação estabelecida como indiscutível tanto para o falante quanto para o ouvinte, uma vez que decorre necessariamente de algum elemento linguístico colocado na frase. Ele pode ser negado, mas o falante coloca-o de maneira implícita para que não o seja. Já o subentendido é de responsabilidade do ouvinte. O falante pode esconder-se atrás do sentido literal das palavras (PLATÃO; FIORIN, 2010, p. 310, acréscimo nosso, grifo nosso).

Em resumo, os pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, mas que podem ser percebidas a partir de certas palavras postas no texto, como advérbios, verbos e adjetivos. Já os subentendidos são insinuações escondidas por trás de uma afirmação, para encontrá-los deve-se investigar não apenas a estrutura do texto, mas também avaliar todo o envolvimento social. Ducrot (1987) ressalta essas características quando afirma que a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados e o subentendido, por sua vez, diz respeito à maneira pela qual esse sentido deve ser decifrado pelo destinatário.

Os implícitos, de modo geral, são amplamente utilizados no jornalismo e servem de proteção para esses profissionais. Ao utilizar os recursos de pressuposto e subentendido, os jornalistas deixam para o leitor a responsabilidade de identificá-los e interpretá-los. Ao introduzir uma ideia sob forma de pressupostos, o jornalista transforma o ouvinte em cúmplice, uma vez que essa ideia não é posta em discussão. O uso do subentendido, por sua vez, serve para o profissional proteger-se diante de uma informação que quer transmitir sem se comprometer com ela.

Portanto, a interpretação de um enunciado pode ter significados diferenciados. As variações ocorrem de leitor para leitor, a partir das ideias postas, principalmente de forma implícita.

3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: Gênero Opinitivo e o Formato Comentário

O estudo dos gêneros jornalísticos possui significativa importância para o campo acadêmico, pois possibilita aos alunos entender e categorizar os diversos tipos de conteúdos jornalísticos. Essa forma de classificação facilita aos mesmos atender às exigências textuais de acordo com o enfoque solicitado. Rêgo e Amphilô ressaltam a importância de se estudar os gêneros, para elas:

[...] deve-se à necessidade de sistematização e categorização dos gêneros, presentes na imprensa brasileira contemporânea, com o objetivo de servir como base à preparação de profissionais qualificados para atuação na imprensa e, também, no âmbito acadêmico, com embasamento teórico-metodológico às pesquisas em comunicação. (RÊGO; AMPHILO, 2011, p. 97).



Visto que o estudo dos gêneros jornalísticos tem fundamental utilidade para a área, a sua pesquisa, apesar de ainda muito tímida, vêm, cada vez mais, ganhando destaque. No Brasil, o teórico e professor José Marques de Melo (2011) é referência na área, e seus estudos são o que se tem de mais completo sobre o assunto no país. A classificação do professor é composta por cinco gêneros no jornalismo brasileiro: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Nesta seção, serão priorizadas as características que compõem o gênero opinativo, reunidas por Marques de Melo em seu livro “Jornalismo opinativo”. Segundo o autor (2003, p.29), o gênero em questão é uma reação do profissional diante das notícias, “difundindo opiniões, seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve ou vê”. A emissão da opinião, portanto, é um juízo de valor que sentencia um fato de acordo com a visão particular de quem a emite. Para Marques de Melo (2003), a opinião no jornalismo emerge de quatro núcleos: da empresa, do jornalista, do colaborador e do leitor. Dessa forma, o emissor da opinião é responsável por definir o tipo de formato na qual a mesma está inserida.

Atualmente, o gênero opinativo é composto pelos formatos, editorial, artigo, resenha, crônica, coluna, comentário, charge e carta. Segundo Marques de Melo (2011) o formato editorial, por exemplo, refere-se à opinião da empresa em relação a determinado assunto e a carta, a do leitor. Já ao jornalista cabem os formatos, resenha, crônica, charge, comentário e, por vezes, o artigo. Desses, o comentário é, talvez, o mais notado nos meios de comunicação, pois possui uma vinculação estreita com a realidade. Marques de Melo destaca as principais características do formato em questão, segundo ele:

A angulação do comentário é o imediato. Ver e perceber o que transcende a aparência constitui seu maior desafio. Exige uma permanente sintonização do jornalista que pratica esse gênero com suas fontes de informação. Sua técnica de realização é mais livre do que a do editorial. Estrutura-se em duas partes: a) síntese do fato e enunciação do seu significado; b) argumentação que sugere o seu julgamento (MARQUES DE MELO, 2003, p 116).

Dessa forma, Marques de Melo traz o conceito de comentário como o formato responsável por explicar as notícias, o seu alcance, as suas circunstâncias e suas consequências. Ele destaca, ainda, que nem sempre o comentarista emite uma opinião explícita e que em virtude disso (2003, p.115) “seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza, pelos rumos da sua argumentação”. Ou seja, o comentarista



utiliza-se, muitas vezes, de recursos linguísticos, tais como às metáforas para poder tornar sua opinião vinculável.

Por muito tempo, somente a empresa podia utilizar desse recurso para se posicionar frente aos fatos. O comentário surgiu, portanto, com o intuito de quebrar com o monopólio do editorial sobre a opinião. No Brasil, essa situação alterou-se a partir da década de 60, quando a imprensa sofreu um processo de modernização. A partir daquele momento, o jornalista passou a atuar também como um observador, principalmente do cenário político, e a transmitir sua opinião aos leitores. Marques de Melo (2003, p.113) destaca o motivo que leva tantos leitores a acompanhar a opinião de um comentarista, para ele:

A vigência do comentário é uma função da projeção do comentarista. Criando vínculos com os receptores, o comentarista torna-se um ponto de referência permanente. Suas avaliações da conjuntura são buscadas porque o cidadão quer saber como comportar-se diante dos acontecimentos, reforçando seus pontos de vista ou procurando conhecer novos prismas para entender a cena cotidiana (MARQUES DE MELO, 2003, p. 113).

A partir disso, fica claro que, em virtude da vasta quantidade de informação que existe atualmente, a sociedade busca nos comentários de certos jornalistas a informação mais objetiva sobre o que determinado fato representa para o país e quais as consequências sobre o seu cotidiano, principalmente.

Conforme Marques de Melo (2003, p.116), o texto utilizado no formato comentário é estruturado por uma “síntese do fato e a enunciação do seu significado” e por uma “argumentação que sugere seu julgamento”. Portanto, o comentarista, tem por objetivo, resumir, atribuir um significado e julgar o fato proposto. Isso exige do profissional estar sintonizado a tudo o que envolve o fato a ser julgado. Para tanto, os comentaristas são geralmente especializados num determinado setor, como política, esporte, moda ou economia, por exemplo. Marques de Melo destaca, ainda, ser essencial para um comentarista possuir vasta experiência e conhecimento no assunto a ser opinado, para o professor:

Comentar é uma tarefa que pressupõe ancoragem informativa e perspectiva histórica. Sem dispor de dados concretos e de referencial analítico, o comentário corre o perigo de cario no vazio e fraudar o receptor. Afinal de contas, quem recorre ao comentário quer dispor de uma bússula para entender a contemporaneidade (MARQUES DE MELO, 2003, p. 117).



Diante disso, percebemos que opinar não é tarefa fácil quanto aparentemente possa parecer. Um jornalista mal informado sobre qualquer aspecto que envolva o fato a ser comentado corre o risco de perder sua credibilidade se cometer qualquer erro nesse sentido. Por isso, a importância de verificar cada detalhe antes de emitir qualquer juízo de valor.

Seja no impresso, na rádio, na TV ou na internet, o comentário está constantemente presente no jornalismo. Hoje, são inúmeros os jornalistas que se destacam por emitir suas opiniões, muitas vezes polêmicas. Mas isso só é possível devido à liberdade de imprensa conquistada pelo povo brasileiro. Há 50 anos, durante a ditadura militar, o formato comentário praticamente foi extinto dos meios de comunicação. A censura instaurada no país proibia qualquer emissão de opinião que fosse contrária ao governo militar. Durante 20 anos a imprensa brasileira viveu sob constante observação.

4 ANÁLISES

Nesta seção serão analisados os conteúdos de posto, pressuposto e subentendido encontrados em trechos das falas dos jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade. O objetivo é identificar nas falas desses profissionais onde e como a expressão opinativa aparece, considerando para isso os conteúdos mencionados. Os comentários selecionados foram emitidos no dia 12 de junho de 2013 e referem-se às manifestações ocorridas no Brasil no mesmo período. Para melhor compreensão dos fatos, primeiramente, será apresentado um breve histórico a cerca dos movimentos ocorridos no Brasil e na sequência, a apresentação e análise de trechos do comentário do jornalista Arnaldo Jabor e por fim da jornalista Rachel Sheherazade.

Em meados de junho de 2013, o Brasil viveu uma fase com grandes manifestações em todo seu território. A onda de protestos iniciou a partir do aumento das passagens do transporte público e se estendeu para diversas outras áreas, tais como saúde e educação. A insatisfação da população com relação aos problemas que o país enfrenta internamente e, sobretudo, em relação ao investimento público em estádios de futebol para a Copa do Mundo de 2014 foram amplamente criticados pelos manifestantes que tomaram as ruas do país.

O aumento dos preços das passagens de ônibus em São Paulo foi o estopim para passeatas de protesto que começaram no dia 6 de junho, mudaram seu foco para vários temas de interesse público – como



o gasto público com as Copas das Confederações e do Mundo e a votação da PEC 37 - e se transformaram num grande movimento que já abrangeu mais de 100 cidades do país e mais de um milhão de pessoas. (SETTI, 2013)

Nesse cenário, diversos grupos utilizaram-se do vandalismo como forma de manifestação. As consequências de tais atitudes resultaram em lojas e bancos depredados, praças destruídas, prédios pichados, lixeiras e, até mesmo, ônibus queimados. Um verdadeiro caos tomou conta do país e em virtude disso ganhou amplo destaque na mídia nacional e internacional. O jornalismo atuou fortemente na cobertura dos fatos e abriu espaço para a discussão sobre os acontecimentos que o país vivia.

O sentimento das pessoas que passavam pela Avenida Paulista na manhã de hoje era de indignação. O coração financeiro de São Paulo foi tomado por pichações e depredações após o protesto de ontem, em apoio às manifestações cariocas contra o governador Sérgio Cabral (PMDB), terminar em vandalismo. A grande maioria dos bancos amanheceu com vidros estilhaçados, portas quebradas, corrimãos arrancados e muros pichados. (TATEMOTO, 2013)

Durante semanas, os telejornais destacaram amplamente as manifestações e seus desdobramentos. O assunto de diversos programas televisivos e os comentários de diversos jornalistas foi pautado por esses acontecimentos. Os jornalistas Arnaldo Jabor da Rede Globo e Rachel Sheherazade do SBT destacam-se nesse cenário por suas opiniões apimentadas e polêmicas. Ambos compõem o objeto de estudo deste trabalho por atenderem os seguintes critérios: a) possuir espaço fixo para a emissão de opinião em telejornais, b) ser reconhecidos nacionalmente e c) ter suas opiniões a cerca das manifestações de junho de 2013 emitidas em datas próximas.

4.1 Arnaldo Jabor

Arnaldo Jabor é carioca e além de jornalista é também reconhecido pelo seu trabalho como cineasta. Estreou como colunista do jornal “O Globo” no final de 1995 e mais tarde passou a atuar também na TV Globo. Atualmente, é comentarista do “Jornal da Globo”, exibido nos fins de noite da emissora carioca, onde possui um espaço reservado para a emissão de suas opiniões. No dia 12 de junho de 2013, Jabor emitiu o seguinte comentário a respeito das manifestações:

Quadro 1: Comentário Arnaldo Jabor – Jornal da Globo, 12 de junho de 2013	
01	Mas, afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade? Só vimos isso
02	quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus. Não
03	pode ser por causa de 20 centavos! A grande maioria dos manifestantes são filhos



04	de classe média, isso é visível! Ali não havia pobres que precisassem daqueles
05	vinténs, não! Os mais pobres ali eram os policiais apedrejados, ameaçados com
06	coquetéis Molotov, que ganham muito mal! No fundo, tudo é uma imensa
07	ignorância política. É burrice misturada a um rancor sem rumo. Há talvez a
08	influência da luta na Turquia, justa e importante contra o islamismo fanático. Mas,
09	aqui, se vingam de quê? Justamente a causa deve ser a ausência de causas. Isso!
10	Ninguém sabe mais por que lutar em um País paralisado por uma disputa eleitoral
11	para daqui a um ano e meio. O governo diz que está tudo bem, apesar dos graves
12	perigos no horizonte, como inflação, fuga de capitais, juros e dólar em alta. Por
13	que não lutam contra o Projeto de Emenda Constitucional 37, a PEC 37, por
14	exemplo, que será votada dia 26 no Congresso, para impedir o Ministério Público
15	de investigar? Talvez eles nem saibam o que é a PEC 37, a lei da impunidade
16	eterna. Esses caras vivem no passado de uma ilusão. Eles são a caricatura violenta
17	da caricatura de um socialismo dos anos 50, que a velha esquerda ainda defende
18	aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos.

Posto 1: “Mas, afinal, o que provoca um ódio tão violento contra a cidade? Só vimos isso quando a organização criminosa de São Paulo queimou dezenas de ônibus. Não pode ser por causa de 20 centavos!” (QUADRO 1; LINHAS 01 a 03)

Pressuposto¹: Existe um ódio contra a cidade.

Pressuposto²: Ônibus foram queimados por organizações criminosas de São Paulo.

Pressuposto³: Um dos motivos da violência nas manifestações é o aumento de 20 centavos na passagem do transporte público.

Subentendido¹: Só se pôde perceber a indignação dos manifestantes quando eles queimaram dezenas de ônibus durante os protestos. Anteriormente a isso, ou seja, durante as manifestações pacíficas, essa indignação não havia sido constatada.

Subentendido²: O aumento de 20 centavos é um motivo muito pequeno para justificar a violência durante as manifestações e o ódio contra a cidade.

Posto 2: “Por que não lutam contra o Projeto de Emenda Constitucional 37, a PEC 37, por exemplo, que será votada dia 26 no Congresso, para impedir o Ministério Público de investigar? Talvez eles nem saibam o que é a PEC 37, a lei da impunidade eterna”. (QUADRO 1; LINHAS 12 a 16)

Pressuposto¹: Existe um projeto de emenda constitucional de número 37.

Pressuposto²: O Ministério Público possui o poder de conduzir investigações criminais.

Pressuposto³: A PEC 37 não está entre as reivindicações dos manifestantes.

Subentendido¹: O aumento de 20 centavos no transporte público não justifica tamanha revolta dos manifestantes. Os protestos deveriam buscar a derrubada do Projeto de



Emenda Constitucional 37, por exemplo, e esse sim seria considerado um verdadeiro motivo para ir às ruas.

Subentendido²: Os manifestantes estão indignados com o aumento das passagens, mas provavelmente nem saibam que existem outros problemas políticos mais importantes como a PEC 37.

Posto 3: “Eles são a caricatura violenta da caricatura de um socialismo dos anos 50, que a velha esquerda ainda defende aqui. Realmente, esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos” (QUADRO 1; LINHAS 16 a 18).

Pressuposto¹: Existiu um socialismo nos anos 50.

Pressuposto²: Uma parte da esquerda continua defendendo o socialismo vivido nos anos 50.

Pressuposto³: Os manifestantes pertencem à classe média da população.

Subentendido¹: As pessoas envolvidas nos protestos não sabem o que fazem; seus motivos de revolta não devem ser levados a sério, pois são insignificantes.

A partir da análise dos trechos retirados do comentário do jornalista Arnaldo Jabor nota-se que sua crítica não se dá apenas através de conteúdos explícitos, mas principalmente, por meio de recursos implícitos. São encontradas ideias pressupostas e subentendidas em diversas expressões utilizadas pelo comentarista. Os termos “Não pode” no posto 1, “Por que” e “Talvez” no posto 2 e “não valem” no posto 3, deixam ideias subentendidas, exigindo que a interpretação do que está escondido por traz do termos fique a cargo do leitor. O conteúdo de pressuposto é também amplamente utilizado, tal como pode ser visto na expressão “Não pode ser por 20 centavos” do posto 1, no qual pressupõe que o motivo aparente das manifestações era o aumento de vinte centavos na passagem do transporte público.

4.2 Rachel Sheherazade

Rachel Sheherazade é formada pela Universidade Federal da Paraíba e antes de assumir a bancada do SBT Brasil, em 2011, atuou em diversas mídias regionais. A jornalista ficou conhecida nacionalmente após criticar fortemente o Carnaval em um comentário emitido durante o telejornal local “Tambaú Notícias” na Paraíba. O vídeo de aproximadamente três minutos foi disponibilizado na internet e conta com mais de um milhão de visualizações. Atualmente, no comando do principal telejornal do SBT, a



jornalista, diariamente, comenta sobre fatos que marcam o país e o mundo. No dia 12 de junho, Sheherazade comentou sobre a onda de manifestações que ocorriam no Brasil, vejamos o que ela disse:

Quadro 2: Comentário Rachel Sheherazade - SBT Brasil, 12 de junho de 2013	
1	Protesto se faz com argumentos, e se impõe pela razão. Os manifestantes da
02	Avenida Paulista perderam a sua quando deixaram o movimento descambar para o
03	vandalismo - puro e simples. Pra isso, não tem desculpa! Os ônibus que eles
04	picharam, depredaram e quase incendiaram são os mesmos que, bem o mal,
05	servem à população, porque nem prefeito, nem governador usa transporte coletivo.
06	Por trás da confusão, há o Movimento Passe Livre, que inclusive está fazendo uma
07	"vaquinha" pra livrar os arruaceiros do xadrez. O Movimento é o mesmo que
08	reivindica a tarifa zero. Bom saber: Quando algum grupo tem desconto ou é isento
09	da passagem, a conta acaba sendo paga pelos outros usuários. É que alguém tem
10	que arcar com “prejuízo”, seja rateando as despesas, seja com aumento de
11	impostos. Será que eles não sabem que não existe almoço grátis?

Posto 1: “Os manifestantes da Avenida Paulista perderam a sua [razão] quando deixaram o movimento descambar para o vandalismo - puro e simples”. (QUADRO 2; LINHAS 1 a 3)

Pressuposto¹: Houve manifestações na Avenida Paulista

Pressuposto²: Os manifestantes tinham razão antes de partir para o vandalismo.

Subentendido¹: O nível das manifestações declinou com o início do vandalismo.

Posto 2: Por trás da confusão, há o Movimento Passe Livre, que inclusive está fazendo uma "vaquinha" pra livrar os arruaceiros do xadrez. O Movimento é o mesmo que reivindica a tarifa zero. (QUADRO 2; LINHAS 06 à 08)

Pressuposto¹: Uma das características das manifestações era a confusão.

Pressuposto²: Manifestantes foram presos durante os protestos.

Pressuposto³: A isenção da tarifa do transporte público era reivindicada durante as manifestações.

Subentendido¹: O Movimento Passe Livre, apesar de lutar pela isenção da tarifa do transporte público, causa confusão pelas ruas da cidade e tenta libertar os arruaceiros que foram presos.

Posto 3: “Será que eles não sabem que não existe almoço grátis?” (QUADRO 2; LINHA 11)

Pressuposto¹: O almoço é pago.



Subentendido¹: A expressão ‘Não existe almoço grátis’ significa que tudo o que se quer, tudo o que traz prazer e/ou satisfaz nossas necessidades não deve ser obrigatoriamente gratuito. As coisas têm um valor para poderem ser adquiridas. A reivindicação pela tarifa zero no transporte público é inviável e em virtude disso, lutar por tal mudança é pura perda de tempo.

Com base nas análises realizadas nos trechos da fala da jornalista Rachel Sheherazade, percebe-se que a mesma não se preocupa em deixar posta a sua crítica. Mas, apesar de sua opinião ser colocada para o telespectador de forma bastante nítida, ou seja, de forma explícita, encontram-se também algumas expressões que deixam ideias pressupostas e subentendidas, como no posto 3 “Será que eles não sabem que não existe almoço grátis?”, onde, através de uma pergunta, ela questiona os ideais dos manifestantes que saíram às ruas reivindicar a isenção da tarifa no transporte público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos as classificações dos gêneros jornalísticos no Brasil, verificamos que a opinião, apesar do debate sobre seu uso, é parte integrante do jornalismo. Marques de Melo (2010), a partir de estudos, constatou que a prática jornalística divide-se em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. O gênero opinativo configura-se nesse cenário como uma das mais antigas classificações do campo e subdivide-se em diversos formatos que tem a opinião como base, dentre eles, o formato comentário, utilizado neste trabalho.

Os jornalistas Arnaldo Jabor e Rachel Sheherazade, no dia 12 de junho de 2013, comentaram a respeito das manifestações que ocorreram no mesmo período no Brasil e foram amplamente criticados por suas opiniões. A análise deste trabalho buscou identificar o uso dos conteúdos explícitos e implícitos nas falas desses jornalistas a partir dos conceitos de posto, pressuposto e subentendido, desenvolvidos por Ducrot (1987). Foram analisados trechos dos comentários de cada profissional e identificados que ambos se valem de expressões que deixam ideias pressupostas e subentendidas. Percebemos que, ao mesmo tempo em que os comentários avaliam os acontecimentos, opiniões mais fortes também estão presentes e são colocadas de forma que fique a cargo do leitor percebê-las, assim, evitando que os mesmos corram o risco de se comprometer com algum tipo de inverdade.



Jabor destaca-se amplamente pelo uso desses conteúdos. Foram identificados no seu comentário diversos termos e expressões que trazem informações a cerca das manifestações, mas que não estão propriamente ditas no texto. O ouvinte deve ficar atento às ideias subentendidas no seu comentário, pois dizem muito sobre o pensamento do jornalista. Já Rachel Sheherazade, apesar de utilizar-se desses recursos, apresenta sua opinião de forma mais incisiva e menos subentendida. Suas críticas são encontradas amplamente na forma explícita, mas algumas expressões destacam-se pela ironia, como pode ser visto na expressão “Será que eles não sabem que não existe almoço grátis?”, deixando para o leitor compreendê-la ou não.

Nota-se que o conteúdo subentendido nas falas dos jornalistas se dá principalmente como uma forma de não comprometer sua opinião, uma vez que não existem provas tangíveis para comprovar tais informações. Os pressupostos são utilizados como forma de informar, sem que seja necessário explicar o contexto que envolve, neste caso, as manifestações. Mas, é visível que mesmo utilizando-se de tais recursos, as opiniões não temem a polêmica e deixam bem claro a visão individual de cada jornalista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabio Sampaio de. **O gênero catálogo digital de livros didáticos e a construção de imagens discursivas de professor de E/LE**. Belo Horizonte. Anais do V Congresso de Hispanistas UFMG, 2009.

FRANÇA, José Marcos de. **Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos**. Paraíba. Universidade Federal da Paraíba, 2012.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco (org). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

PLATÃO, Francisco S; FIORIN, José Luiz. **Lições de Texto: leitura e redação**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

RÊGO, Ana Regina; AMPHILO, Maria Isabel. Gênero Opinativo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista, 2011.

SETTI, Ricardo. **Manifestações: Cartazes de manifestantes mostram a grande diversidade de reivindicações e protestos**, 2013. Disponível em:



<<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/manifestacoes-cartazes-de-manifestantes-mostram-a-grande-diversidade-de-reivindicacoes-e-protestos/>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

TATEMOTO, Rafael. **Avenida Paulista amanhece destruída após manifestação violenta**, 2013. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1317773-avenida-paulista-amanhece-destruida-apos-manifestacao-violenta.shtml>>. Acesso em: 03 dez. 2013.